



**Missão Salesiana**

**de**

**Mato Grosso**

**Inspetoria de Campo Grande**

**Brasil**

Campo Grande, 29 de junho de 1979.

Prezados Irmãos,

no dia 25 de abril último, um telefonema de Roma transmitia-nos a dolorosa notícia do falecimento de nosso querido irmão,

**Padre J o s é S c a m p i n i,**

ocorrido naquela cidade às 8 horas (3 horas, em Campo Grande). Foi uma santa morte que comoveu até as lágrimas todos os presentes: enfermeiras, conhecidos e, em particular, um almirante médico, seu companheiro de quarto. Foram dois anos de sofrimento, que lhe acrisolaram a têmpera num esforço constante de aprender “não só a aceitar, mas a amar a vontade de Deus”, consequência do slogan do seu sacerdócio: “Senhor, Tu sabes que Te amo!” Isto não é nada fácil quando a doença se mostra em toda sua cruel realidade. É preciso muita fé para sentir “mesmo no sofrimento que Deus é Pai e Nossa Senhora é Mãe”. Durante a permanência no hospital exercitou, com sua presença sacerdotal e suas atitudes de fé, uma pastoral cotidiana. “Hoje — escrevia de Roma — são 53 dias de hospital. O Senhor me está concedendo um

pouco de paciência porque estou bastante sereno e tranqüilo. Ele sabe o que faz e portanto estes dias não são perdidos, não obstante as aparências.” À medida que o tempo passava, seu testemunho de conformidade à vontade de Deus tornava-se mais forte e corajoso: “Já sei — escrevia aos 23 de março — que não devo fazer cálculos, nem pensar em datas; na prática, porém, é duro aceitar viver o dia a dia sem se preocupar com o amanhã: quando conseguir isto, serei feliz. Espero aprender isto aos poucos. Já fiz algum progresso a este respeito. Se olhar a meu redor vejo casos piores do que o meu e então parece-me que estou chorando de barriga cheia. É que desejaria sarar logo, de uma vez, e voltar a trabalhar, quando, o mais importante e frutuoso espiritualmente é fazer a vontade de Deus”

Voltar a Campo Grande para trabalhar entre os jovens e os universitários era seu maior desejo. Outra, porém, era a vontade de Deus, que em meio aos sofrimentos não deixava lhe fazer saborear também alguma consolação. As visitas dos Salesianos, principalmente da Inspetoria de Campo Grande, as celebrações com os irmãos sacerdotes na presença da mãe, que aceitou com resignação cristã a doença e a morte do filho, proporcionavam momentos de alegria. Mas “o dia talvez mais bonito destes meses — escrevia de Roma — foi o dia 11 de fevereiro.” 18º aniversário da ordenação sacerdotal, quando celebrou, juntamente com mais de seiscentos sacerdotes, com o Papa na Basílica de São Pedro. O Santo Padre João Paulo II comentou para as centenas de enfermos presentes o texto de São Paulo: “Cumpro na minha carne o que falta à paixão de Cristo”. “Foi realmente — comentava na carta — uma tarde maravilhosa!”

Acompanhou conscientemente o agravar-se do mal e o aproximar-se da morte. Ao P. Pennisi, que fora visitá-lo na véspera, disse com calma e serenidade, acenando o estômago inchado. “É o fim!” “P. José — escreveu o irmão sacerdote João Paulo — imolou-se no altar do sofrimento como vítima, suportando, com paciência e lucidíssimo, dores horríveis, rezando e aceitando a vontade de Deus”. A senhora Maria Rossi, que o assistiu na agonia, acrescenta: “contorcia-se pelas dores terríveis, rezando e oferecendo tudo a Deus. Para mim foi um verdadeiro retiro espiritual.” Recebeu a Unção dos Enfermos repetindo frequentes vezes a jaculatória: Jesus, José e Maria, expire em paz entre vós a minha alma. E, com as palavras do Vidente de Patmos: Vem, Senhor Jesus, concluiu sua jornada breve em dias, mas rica em obras.

P. José Scampini nasceu aos 27 de outubro de 1932 em Busto Arsizio, Milão, Itália, de família profundamente cristã: dos quatro filhos, três seguiram a vocação sacerdotal. Em setembro de 1944 entrou para o aspirantado de Ivreia. Ao concluir o curso ginasial, pediu para ser admitido ao noviciado. O parecer dos superiores foi favorável, tendo em vista “o caráter bom, sereno, aberto e dócil” do candidato, que solicitava a graça “de ir para as missões, onde e quando os superiores decidissem”.

Testemunham a eficácia do trabalho realizado neste campo as declarações dadas pelos presos ao receberem a notícia do falecimento do P. Scampini. “Inesquecível P. Scampini — dizia um deles — você muito trabalhou por nós. Muito obrigado por quanto nos amou e por quanto de bem fez por nós. Senhor Jesus, faça que o querido P. Scampini fique sempre em nosso coração e nos ajude a caminhar certo.” “Com Padre Scampini — dizia outro — aprendi que Cristo vive mesmo aqui, dentro desta cadeia, dentro do meu coração.” A mãe, comovida até às lágrimas ao ver o que que o filho fazia, disse-lhe: “Filho, o que você faz nas Faculdades é meritório, mas o que você faz aqui para confortar e ajudar esses pobres moços é muito, muito mais meritório”. Jesus dissera: “Em verdade vos digo, o que fizestes ao menor de meus irmãos é a mim que o fizestes!”

No curto período em que, como diretor, estive à frente do Colégio Dom Bosco, comunidade servindo atividades complexas, esforçou-se em manter a paz e a harmonia entre os irmãos, ainda que sua ação parecesse pouco enérgica. “Considero minha principal tarefa — costumava dizer — manter a concordia e a união entre os irmãos para trabalharmos juntos com alegria para o bem da juventude.”

Os jovens eram o centro de seu apostolado. Ao regressar de São Paulo, após o primeiro tratamento, ao ver o movimento dos alunos que chegavam para as aulas do curso noturno, exclamou: “Que alegria ver de novo esta vida; já tinha perdido a esperança de poder voltar.” Longe do Brasil e de Campo Grande, escrevia: “Meu maior desejo é voltar a Campo Grande e trabalhar com os jovens. Meu coração está no Colégio Dom Bosco”.

Deus dispôs que P. Scampini passasse os últimos meses em Roma, centro da catolicidade e da Família Salesiana, perto de sua querida mãe e, ao fechar os olhos para sempre, recebesse as homenagens da Congregação Salesiana, à qual serviu com amor e fidelidade desde os 17 anos. Na capela da Casa Generalícia foi rezada Missa de corpo presente, presidida pelo P. José Winkler, inspetor de Campo Grande e participada por uns 80 sacerdotes, entre os quais os dois irmãos, o inspetor de Roma, P. De Bonis e vários brasileiros. Proferiu a homilia P. Antonino Pennisi, companheiro de trabalho nas Faculdades. No Campo Verano, onde foi tumultado, disse palavras de despedida P. Agostinho Favale, professor da UPS e já membro desta Inspetoria.

Em Campo Grande foram rezadas numerosas Missas de sufrágio com participação de universitários, professores e autoridades. Os jornais locais ilustraram a figura e as qualidades do inesquecível Professor. Na Câmara Federal, o Dep. Ruben Figueiró, ex-aluno, enalteceu a obra do ilustre Sacerdote, manifestando a gratidão de seu Estado, onde sua memória viveria para sempre.



Destacava-se dos outros professores pela capacidade em manejar com as pessoas, com serenidade, lógica e equilíbrio. “Ele era um colega mais do que um diretor — escreveu um dos professores. Ouvia as súplicas e os queixumes (por que não dizer as “brincas”?) de todos os professores e, com aquela sua magnitude de humildade, própria do italiano, encontrava soluções imediatas, apaziguando gregos e troianos”. “Nunca o vimos zangado — continua o aluno supra mencionado — a não ser momentaneamente, porém, logo voltava ao seu perene estado de calma e alegria. Vivía seus dias com muito ardor e esperança no futuro. Por onde passou deixou no ar, como um perfume bom, uma suave e doce lembrança”. Outro aluno escreveu: “Ele foi para nós o bom sacerdote, o bom pastor”.

Para melhor exercer as funções de professor e de diretor, participava de encontros e congressos, de conferências e reuniões de estudo, promovia intercâmbios com faculdades nacionais e estrangeiras. Em 1974 frequentou a Pontifícia Universidade Lateranense, laureando-se em direito com a tese: “A liberdade religiosa nas Constituições Brasileiras”, editada poucos meses antes de sua morte. Professor segundo a mente de Dom Bosco, vivia constantemente entre os alunos, pronto e aberto a todas as iniciativas, ajudando e estimulando a todos.

As tarefas de professor e diretor não lhe impediam de dar atendimento às comunidades religiosas e de assumir a Presidência da AEC estadual, promovendo encontros e reuniões para divulgação dos princípios da educação cristã entre os professores e escolas particulares.

Merece, porém, destaque o trabalho empreendido para recuperação de presos, amparando-os e ajudando-os em suas necessidades e nas das famílias. Para essa finalidade fundou a AMPARE: Associação Mato-grossense Pró-amparo e recuperação dos encarcerados. “AMPARE e P. Scampini — escreve Ir. Irma Zorzi FMA, vice-presidente da entidade — é um binômio que representa valores inseparáveis. Tentou de muitas formas conscientizar a sociedade campo-grandense da necessidade de se mudar o sistema penitenciário, para que não fosse apenas castigo, mas em primeiro lugar meio de recuperação. Defendia o preso, sem defender o erro. Nesse trabalho empenhou entusiasticamente os alunos das Faculdades de Direito e de Serviço Social. Era preciso, dizia ele, ver mais a pessoa do réu do que o crime e salvaguardar os direitos da pessoa humana. P. Scampini era antes de tudo o homem de Deus, o representante de Cristo. Todos os domingos celebrava missa na cadeia com muita fé e devoção. Seu modo simples e convincente de explicar a palavra de Deus impressionava. Tinha-se a impressão da presença de algo que realmente vale a pena ser vivido. Era um testemunho de fé, um testemunho de esperança, um testemunho de caridade e de serviço.”

Com apenas 17 anos veio ao Brasil, iniciando em Mato Grosso sua formação salesiana e sua vida missionária. Vendo na Congregação Salesiana o campo para realizar suas aspirações de apostolado entre a juventude nas pegadas de Dom Bosco, professou os votos religiosos. Pelas suas virtudes e inteligência, mereceu, desde a primeira hora de vida brasileira, a confiança dos superiores, que o designaram para orientar e dirigir, como assistente e guia, os próprios companheiros de estudos, na Chácara São Vicente. Aos 27 de julho de 1956, após “ver e viver, em todo o seu brilho e formosura, a vida salesiana em múltiplas atividades”, consagrou-se definitivamente ao Senhor pelo “vínculo mais estreito e inquebrantável” da profissão perpétua, unindo-se para sempre a Dom Bosco.

No mesmo ano voltou à Itália para completar a formação sacerdotal no estudando da Crocetta, licenciando-se contemporaneamente em filosofia. Aos 11 de fevereiro de 1961, dia consagrado a Nossa Senhora de Lurdes, é ordenado sacerdote pelo Cardeal de Turim, Dom Maurílio Fossati, na Basílica de Maria Auxiliadora. Agradecido a Deus pela sublime missão do sacerdócio, retornou ao Brasil para retomar o trabalho educativo no Colégio Santa Teresa, em Corumbá, entre os clérigos em formação depois e, finalmente, no Colégio Dom Henrique em Lins. Nesta cidade lecionou também, com competência, seriedade e dedicação, na faculdade Auxilium das Filhas de Maria Auxiliadora. Em 1967 é transferido para lecionar nas faculdades de Campo Grande, assumindo quase logo a direção da Faculdade de Direito, cargo que exerceu por dez anos.

A faculdade estava dando os primeiros passos, muito restava para sua consolidação. P. Scampini assumiu o trabalho com generosa disponibilidade fazendo numerosas viagens à Capital Federal para acompanhar o processo de reconhecimento. Graças a seu trato delicado, viu seus esforços coroados de pleno êxito. Outro resultado dessas viagens foi a instalação da Faculdade de Serviço Social para a formação de elementos capacitados para os graves problemas ligados à área.

“Como diretor da faculdade de direito — comentava um dos jornais locais ao anunciar o falecimento — P. Scampini revelou-se sempre um diplomata com os alunos, sem perda de sua autoridade. Como professor de Introdução à Ciência do Direito dava um show de conhecimentos e de didática”. “Éramos estudantes de Direito da Faculdade Salesiana local — escreveu um aluno da primeira turma — quando tivemos o primeiro contato com o jovem e alegre sacerdote. Um grande número de nós já possuía curso superior: éramos médicos, engenheiros, oficiais do exército, contadores e outros profissionais de grau superior. Padre Scampini com habilidade, diplomacia e muito entusiasmo, conduzia a turma como um timoneiro por mares por nós desconhecidos. Celebrava missas, acompanhava atento nossas pelepas esportivas, fazia piqueniques nos fins de semana, preparava e ministrava as aulas com segurança e maestria. Era um homem de cultura e ideal.”



Ao dar início à aula inaugural na Faculdade de Filosofia, P. Waldir Boghossian sintetizou com expressivas palavras a personalidade do Diretor das Faculdades Unidas Católicas. “Seja-me permitido — disse — reverenciar neste momento a figura para sempre lembrada do querido e inesquecível P. Dr. José Scampini, salesiano, educador, sacerdote de Cristo, amigo de Mato Grosso, cidadão campo-grandense. Orador consagrado, diretor da Faculdade de Direito de Campo Grande, fundador e diretor da Faculdade de Serviço Social de Campo Grande, diretor do Colégio Dom Bosco e da FUCMT, fundador e 1º Presidente da AMPARE. Amigo de todos, figura jovem e esbelta, soube com sua sabedoria, com o vigor e o encanto de seu sorriso, com bondade e perene otimismo conquistar o coração de milhares de jovens, de centenas de professores e de todas as autoridades. O saudoso P. Scampini, irmão e companheiro de ideal, que tudo deu de si para esta casa do saber, não partiu; continua presente nas obras que legou à nossa comunidade. Ele vive na casa do Pai e em nosso coração, em nossa grata recordação e em imensa saudade.”

“Como a nuvem branca, que, ao ficar escura e carregada, vai depois derramar a chuva que faz tão bem; como o Sol que dá luz e calor; como a Lua que ao anoitecer nos ilumina, enquanto as estrelas brilham no espaço; assim ele veio, ficou e... se foi, após ter feito tudo de bom para nós estudantes. Ele foi bom mestre, bom educador.” Com estas palavras uma jovem estudante expressava o sentir comum da juventude estudantil de Campo Grande, pela benéfica influência da ação do P. Scampini. Rezemos para que o exemplo e a recordação desse querido irmão mantenham vivos nos universitários de nossas faculdades os seus ensinamentos.

Prezados irmãos, Jesus disse: “Vinde benditos de meu Pai, entrai na posse do reino que vos está preparado desde a fundação do mundo. Porque... estava no cárcere e fostes ver-me” (Mt 25,34.36). Essas palavras do Divino Mestre dão-nos certeza de que P. Scampini, apóstolo dos encarcerados, já esteja gozando dessa felicidade. Entretanto, como os desígnios de Deus são imperscrutáveis, recordemo-lo em nossas orações. Lembrai-vos também desta Inspetoria que tanto precisa de obreiros animados do zelo de Dom Bosco para acudir à abundante messe que o Senhor da vinha nos oferece.

Ao concluir, queremos expressar nosso reconhecimento à senhora mãe, aos irmãos do P. Scampini e a quantos o acompanharam com a ajuda e o carinho na longa enfermidade.

Fraternalmente, em Dom Bosco,  
P. José Corazza  
Vigário Inspetorial

---

**Dados para o Necrológio:**

Padre José Scampini \* Busto Arsizio, Milão, Itália, 27/10/1932, + Roma, Itália, 25/04/1979, com 46 anos de idade, 28 de profissão religiosa e 18 de sacerdócio.